

ATLETAS BRASILEIRAS NOS JOGOS PARALÍMPICOS DE 1988 EM SEUL, COREIA DO SUL: VISLUMBRANDO NOVOS HORIZONTES

Cíntia Menezes Guimarães¹, Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo²,

¹ Acadêmica do curso de Educação Física da UFRGS

² Professora da Escola de Educação Física da UFRGS e orientadora do trabalho



INTRODUÇÃO

O Brasil sediará os Jogos Paralímpicos de 2016 e ainda carece de um acervo histórico, não apenas para guardar a memória do esporte paralímpico brasileiro, mas empreender ações que contribuam para disseminar a prática esportiva na vida das pessoas com deficiências.

OBJETIVO

O objetivo deste estudo é compreender o percurso esportivo das quatro atletas deficientes visuais que participaram das provas de atletismo dos Jogos Paralímpicos de Seul, Coreia do Sul, em 1988. Justifica-se a escolha desta edição dos JP por ter sido considerada um marco para o movimento paralímpico devido a questões organizacionais do evento.

METODOLOGIA

Este é um estudo de caso histórico-documental, o qual foi adotado a metodologia da História Oral, bem como Análise Documental em uma nova fase do evento: a “era moderna” dos Jogos Paralímpicos, pois a cidade se preparou para atender as necessidades dos atletas com deficiência. As atletas entrevistadas relataram seu estado de felicidade quando souberam da convocação para os Jogos Paralímpicos.

O ESPORTE PARA CEGOS NO BRASIL: PRIMEIRAS REPRESENTANTES

Os Jogos Paralímpicos (JP) são uma invenção da segunda metade do século XX, influenciada pelo processo de reabilitação das vítimas da II Guerra Mundial. A primeira edição dos JP ocorreu em 1960, na cidade de Roma, Itália. O Brasil só enviou atletas para participar do evento no ano de 1972, uma década depois da primeira edição. Anos mais tarde, nos JP de 1988 na Coreia do Sul, estiveram presentes 47 atletas do Brasil, sendo 11 mulheres, quatro delas deficientes visuais que participaram das provas de atletismo, a saber: Adria Santos, Anelise Hermany, Leila Marques e Vera Bergamo. O atletismo é um esporte tradicional entre os deficientes visuais no país e isto, se reflete nas conquistas ininterruptas de medalhas nos JP, desde a edição de Nova York, em 1984.



AS MULHERES DEFICIENTES VISUAIS NOS JOGOS DE SEUL

As atletas entrevistadas relataram seu estado de felicidade quando souberam da convocação para os JP. Adria, como tinha a menor idade no grupo, foi de certa forma adotada pelas meninas. Ao falar sobre o período de treinamento preparatório, Adria mencionou o seguinte: “era como se fosse uma família. Nós fazíamos tudo juntas. Elas estavam sempre cuidando de mim. Recebi um carinho muito grande delas. Após chegarem a Seul, relataram as suas percepções diante do grande evento.



Anelise conta que “eles prepararam a cidade para a paraolimpíada. [...] Fizeram adaptações para os deficientes visuais com aquelas faixas. Os elevadores escritos em Braille. As pistas tátil. Lá eles adaptaram tudo. [...] Eu lembro aquelas pirâmides de flores. Era muito, muito lindo”. Sobre a cerimônia de abertura dos JP Leila disse o seguinte: “a abertura foi maravilhosa! Uma coisa deslumbrante! [...] Tu sendo a estrela naquele palco. [...] Eu não acreditava que estava lá”. Com relação ao desempenho, conquistas e sentimentos, para Vera um momento marcante foi: “fazer os 100m com 50mil pessoas no estádio assistindo é uma coisa fantástica. Tu saber que tu estás tão longe do Brasil, representando um país inteiro, um povo todo, que tu estás ali com o nome de um país e que tem que representar da melhor forma que tu pode. Isso para mim foi muito bom!”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao utilizar as narrativas das memórias das atletas paralímpicas brasileiras se espera contribuir para ampliar a reflexão sobre os diferentes lugares conquistados pelas mulheres brasileiras no esporte paralímpico.



MODALIDADE
DE BOLSA

CNPq - UFRGS